

GT 01 – Estudos históricos e epistemológicos da Ciência da Informação

A INFORMAÇÃO COMO E PELA PEDRA: ARQUIDOCUMENTAÇÃO E EXTRATIVISMO ITADOCUMENTÁRIO

INFORMATION AS AND BY THE STONE: ARCHIDOCUMENTATION AND ROCKDOCUMENTARY EXTRACTIVISM

Gustavo Silva Saldanha – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia;
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Ibict; Unirio)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: o foco da pesquisa é desenvolver uma reflexão dialética sobre a metaforologia da “informação” como unidade morfológica no horizonte da construção da metáfora da “informação como e pela pedra”. O plano metodológico desta pesquisa pressupõe as ancoragens teóricas de Ernst Curtius sobre a metaforologia, Mikhail Bakhtin, sobre a teoria marxiana da filosofia da linguagem e Hans Blumenberg, sobre a não-conceitualidade. Dentro do contexto de uma economia política da epistemologia histórica do campo informacional, ancorada na abordagem da denúncia da colonialidade via epistemologia congoleza da Ciência da Informação em Cimalanga Mulamba e do extrativismo epistêmico-ontológico de Grosfoguel, o estudo resulta na reflexão sobre a materialidade de uma expressão itadocumentária para a formação da economia política da informação da Modernidade Tardia ao capitalismo de plataformas privadas digitais. Como considerações finais, o estudo apresente as teses da condição metafórica da informação como pedra para reflexão filosófica da informação na atualidade, a partir de uma proposta de compreensão da fundamentação do campo via uma arquidocumentação e do extrativismo de metadados.

Palavras-chave: informação; extrativismo itadocumentário; metaforologia; economia política; filosofia da linguagem.

Abstract: the focus of the research is to develop a dialectical reflection on the metaphorology of “information” as a morphological unit in the context of the construction of the metaphor of “information as and by the stone”. The methodological plan of this research presupposes the theoretical anchors of Ernst Curtius on metaphorology, Mikhail Bakhtin on the Marxist theory of the philosophy of language and Hans Blumenberg on non-conceptuality. Within the context of a political economy of the historical epistemology of the informational field, anchored in the approach of the denunciation of coloniality via the Congolese epistemology of Information Science in Cimalanga Mulamba and the epistemic-ontological extractivism of Grosfoguel, the study results in the reflection on the materiality of an rockdocumentary expression for the formation of the political economy of information from Late Modernity to the capitalism of private digital platforms. As final considerations, the study presents the theses of the metaphorical condition of information as a stone for philosophical reflection on information today, based on a proposal to understand the foundation of the field via archidocumentation and metadata extraction.

Keywords: information; rockdocumentary extractivism; metaphorology; political economy; philosophy of language.

1 INTRODUÇÃO À INFORMAÇÃO PELA E COMO PEDRA

Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas)
(Melo Neto, 1966, p. 207).

A imagem de um jovem palestino atirando pedras em um destacamento do exército fortemente armado do Governo de Israel chama-nos atenção para um elemento por trás dos fracassos da humanidade e da prevalência da colonialidade e da exploração dentro da dinâmica do capitalismo, agora sob o modelo das plataformas privadas digitais: de pedras ou fragmentos rochosos são formados, na concretude do mundo, aquilo que está à mão palestina e aquilo que está à mão israelense. Não há desenvolvimento de armamentos bélicos sem mineração, sem pedras manufaturadas, nem computadores e nem *smartphones* há. No plano sintático, distante do sentido e do contexto como sentido (pragmática ou comensurabilidade pelo uso cultural das dimensões dos signos), a pedra é a pedra, e nada mais, afora o lucro que a mesma gera e a exploração que permite prosperar. Através do extrativismo nos solos constrói-se o fuzil e sua munição, como também o *smartphone* e o carro, elétrico ou não.

Quando a epistemologia da Ciência da Informação da escola congoleza, a partir de Bobutaka Bateko (2013) e Cimbalinga Mulamba (2014), por exemplo, nos demonstra como o escândalo geológico do Vale do Rio Congo do final do século XIX até os meados do século XX, devastou o território centro-africano para o desenvolvimento da bomba atômica e da cibernética de primeira ordem no transcurso da colonialidade tardia (Saldanha, 2024), recolocamos em perspectiva a relação entre cibernética e a materialidade na metáfora da pedra (ou a concretude de uma história da “informação” no século XX e no século XXI).

Em outros termos, sob as lentes da teoria crítica do campo informacional, reproblematicamos a) a questão da extração de minerais vinculada à invenção da cibernética e seu sucesso e b) o desenvolvimento não apenas do conceito de informação em seu princípio entrópico sintático (informação como desinformação, como expansão do caos com intencionalidade de preservação de uma estrutura controlada, ou, ainda e tão somente, informação como negação da verdade), mas igualmente como expressão do extrativismo de metadados, na concretude das ações de informação. Em ambos os contextos, o extrativismo está vinculado à pedra como efeito material e histórico, posto que simbólico, ou seja, capaz de promover a exploração, linguística e metalinguística. Em outros termos, a pedra é a pedra

posto que humanamente é, uma vez simbolizada através das formas de uso e reuso que as sociedades dela fazem.

O objetivo da pesquisa, de ordem teórica, é desenvolver uma reflexão dialética sobre a metaforologia do termo “informação” como unidade morfológica no horizonte da metáfora da “informação como e pela pedra”. Para esta compreensão simbólica, que conjuga a noção de “informação” e a “questão da pedra” na origem dos vínculos com a cibernética e a história do conceito “informação”, o plano metodológico desta pesquisa pressupõe as ancoragens teóricas de a) Ernst Curtius (1996) sobre a metaforologia, b) Mikhail Bakhtin (2006), sobre a dialogia da linguagem e c) Hans Blumenberg (2013), sobre a não-conceitualidade, desenvolvidos na seção primária 2 do presente texto. O plano do quadro teórico está delimitado na seção 3, com foco na relação entre neodocumentação e arquidocumentação.

Os resultados, lançados na seção 4, apontam para uma reflexão autocrítica de uma educação de e sobre o conceito de “informação” pela e como pedra na economia política dos estudos informacionais dentro do capitalismo de plataformas privadas digitais, a saber, a) o papel sintático da informação na ética protestante que fundamenta o nascedouro do capitalismo segundo a concepção weberiana da formação do *ethos* da Modernidade capitalista (Weber, 2004); b) a condição material extrativista do capitalismo de plataforma privadas digitais dependente do processo de mineração intensivo e exploratório, para a manutenção da indústria de *smarthphones* e megaestruturas de armazenamento e de cabeamento de redes de alta conectividade; c) a estrutura cibernética do Antropoceno: sustentação e conservação do domínio das ações humanas sobre a natureza a partir da necessária expansão da máquina extrativista de minerais e de afetos para produção de ferramentas informacionais, junto de toda indústria bélica tradicional (a indústria das armas, cada vez mais dependente da indústria do discurso), incluindo, aqui, a mineração de metadados, donde a distância aparente da metáfora da “pedra”, de um lado, revela a contiguidade da realidade na relação entre “informação” e “pedra” e, de outro lado, denuncia a violência dos distanciamentos da conceitualidade (a busca pela essencialização do conceito de “informação” como amigo da verdade).

2 APORTES METODOLÓGICOS PARA OBSERVAÇÃO DA PEDRA INFORMADA (OU SEM FORMA, SEM *EIDOS*, SEM VERDADE)

A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;

a de economia, seu adensar-se compacta
(Melo Neto, 1966, p. 207).

A expressão do discurso da metáfora ou o desenvolvimento de uma reflexão sobre a mesma, ou, ainda, apenas, a metaforologia, encontra no próprio olhar sobre o conhecimento e sobre o conhecimento registrado um dos terrenos mais férteis. A metáfora da “tábula rasa”, por exemplo, acompanha diferentes tradições de pensamento epistemológico para compreensão do modo como o próprio conhecimento é construído da metafísica ao *cogito* cartesiano.

Por sua vez, quando abordamos o conhecimento registrado, dos registros em cavernas ao código vegetal, chegando à produção eletrônica e digital, tal metaforologia multiplica-se no princípio das plataformas ou suportes onde o saber inscrito é depositado. A revisão de Curtius (1996) demonstra a vasta produção deste discurso a partir do conceito de “livro”. O conhecimento e suas unidades morfológicas verossimilhantes ganham na estrutura da produção filosófica e epistemológica sobre o conceito de livro, um lastro de sentidos captados pelas metáforas que sustentam, como aponta Blumenberg (2013), a estrutura sólida do conceito, antes, durante e depois da pretensa precisão deste.

Em Curtius (1996), a escrita e o livro na linguagem figurada atravessam a literatura universal, com diferenças características em cada contexto, co-constituindo a própria reflexão epistemológica especulativa, a pergunta sobre o que é e como se dá o conhecer. Quando o conceito de “informação” avança para o território morfológico do léxico epistêmico ou gnosiológico (o vocabulário epistemológico que procura investigar o conhecimento enquanto conhecimento), este, o termo “informação”, também não escapa da pluralidade metafórica, os riscos da polifonia e, ao mesmo tempo, a produção de sentidos compartilhados, cristalizados como a contradição “informação como não-verdade” e “informação como verdade”.

Assim como, de um lado, a) o termo “livro” e suas circunvizinhanças com o território lexical do conhecimento segundo a releitura curtusiana (Curtius, 1996) revestiu-se do sagrado na formação da Cristandade Latina e, após a revolução científica do século XVIII, tal forma de conhecimento registrado reforçou o “sagrado” do livro em suas diferentes formas, centralmente aquela seriada, o periódico científico, como representação da verdade agora empírica, do outro lado, b) o termo “informação” constrói-se no imaginário vocabular da Modernidade tardia como sentido cada vez mais próximo da verdade, quando teorias

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

antagônicas permitem apontar as dimensões contraditórias de sua esfera semântica, retomando um princípio de raiz etimológica que reafirma sua condição de conhecimento negado, ou não-verdade, como a posição filosófica de Vinícios Menezes (2019) aponta sobre os usos sociopolíticos do *informe*, ou da ausência de *eidos*, de sentido, de ser, de verdade, ou seja, o informar como a retirada do potencial de verdade de um fenômeno.

A Teoria da Não-escrita presente no diálogo Fedro de Platão (2000), anterior recurso do “livro” nas formas de conhecer na Cristandade Latina, bem como a Teoria Crítica no âmbito da Escola de Frankfurt, com Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985), e a Teoria Matemática da Comunicação de Claude Shannon e Warren Weaver (1975), encontram, por distantes caminhos, sentidos verossimilhantes do termo “informação”: a) sua negação como verdade, ou seu princípio de desinformação; b) sua capacidade de estrutura estruturada para exploração, falsificação, usos maliciosos de um pretense conhecimento.

No Fedro de Platão (2000), o questionamento da teoria da escrita em Sócrates como riscos da correlação entre materialidade e saber na seara do conhecimento (ou, simplesmente da verdade), ganha a rejeição direta de qualquer manifestação do conhecimento registrado como potencial de conhecer. Os “livros” são o caminho do afastamento da verdade ou apenas a morte do conhecimento expressada materialmente em pedaços de árvores amputadas, assassinadas e expostas em forma de volume ou códice. Aqui encontramos a raiz de onde a condição informacional do Antropoceno pode ser encontrada para uma reflexão epistemológico-histórica. Diríamos hoje, à luz de Achille Mbembe (2015): as redes sociais de empresas privadas de plataformas em meio digital, uma forma de registro do conhecimento na atualidade em sua materialidade expressa sob camadas de números, reproduzem uma necropolítica dos modos materiais mediados do conhecer.

Via Teoria Crítica, em Adorno e Horkheimer (1985), a noção de “informação” imersa na produção e disseminação dos meios de comunicação de massa na esfera cultural convertida como mercadoria é fruto direto da negação da verdade, mas sob a via dialética de sua capacidade de exploração e alienação. Assim, a cultura:

[...] converteu-se totalmente numa mercadoria, difundida como uma informação, sem penetrar nos indivíduos dela informados. O pensamento perde o fôlego e limita-se à apreensão do factual isolado. Rejeitam-se as relações conceituais porque são um esforço incômodo e inútil. O aspecto evolutivo do pensamento, e tudo o que é genético e intensivo nele, é esquecido e nivelado ao imediatamente presente, ao extensivo. A organização atual da vida não deixa espaço ao ego para tirar consequências

espirituais. O pensamento reduzido ao saber é neutralizado e mobilizado para a simples qualificação nos mercados de trabalho específicos e para aumentar o valor mercantil da personalidade. Assim naufraga essa autorreflexão do espírito que se opõe à paranoia. Finalmente, sob as condições do capitalismo tardio, a semicultura converteu-se no espírito objetivo. Na fase totalitária da dominação, a semicultura chama de volta os charlatões provincianos da política e, com eles, como uma última *ratio*, o sistema delirante, e o impõe à maioria dos administrados já amolecidos, de qualquer maneira, pela grande indústria e pela indústria cultural. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 265).

Na Teoria Matemática de Comunicação, por sua vez, a metáfora do canal de Shannon e Weaver (1975) estabelece claramente a posição anti-conhecimento do conceito de informação. Como conjunto de possibilidades de seleção, a condição semântica do termo aponta para um problema da verdade: adulteração da mensagem na entrada e na saída do canal. A fundamentação de uma teoria sintática visava, ali, justamente, combater a estrutura polifônica anti-mensagem (ou anti-verdade, sendo, aqui, “verdade” como sinônimo de “sinal não corrompido”) que a “informação” como “margens de seleção” poderia trazer, ou controlar a entropia causada pela instável condição do que é informado contra a estrutura da mensagem.

“Informação” - e suas centenas de sentidos, conforme a revisão de Alvin Schrader (1983) e de Rafael Capurro e Hjørland (1991), permite pensar a fragilidade do conceito perante a metáfora e retomar a dimensão da metaforologia do conhecimento registrado até seus usos na cibernética (onde o termo “informação” ganha o lugar de “pedra fundamental” para metaforizar o conhecimento). Esta, a metaforologia, nos leva à compreensão da metáfora como força de sentido anterior e posterior ao conceito, ou ainda, como uma permanente máquina de formulação e de reforma conceitual, como nos demonstra a teoria da não-conceitualidade em Hans Blumenberg (2013).

A posição de Blumenberg (2013) sobre a relação entre conceito e sua identidade revela-nos o falso dilema da polifonia do termo “informação”. Ao questionar o espelhamento que um conceito tenderia a instituir, a tese blumenbergiana procura demonstrar que o gesto do conceituar pressupõe a “ausência”, disfarçada de precisão. Este ideal de precisão é sempre espacial, remoto, à distância. O conceito, na formulação da linguagem, se estabelece em sua teoria da não-conceitualidade como procura permanente pelo comportamento ordenado, pela forma de socialização. O conceito, como a arma, principalmente quando problematizado

como uma arma de fogo, é uma ferramenta para ataque “neutro”, distanciado, silencioso – poderosa, autoritária e rigorosa forma de ataque covarde à distância.

A profusão de sentidos e a dança de contradições que o conceito de “informação” nos trazem em sua trajetória de uso corrente e ordinário, como também de elaboração científica, demonstra, se tomarmos a posição de Blumenberg (2013), sua incessante forma não-conceitual, ou seja, sua incapacidade de se estruturar na precisão da verdade que pressupõe, retomando o lugar de sua não-forma, não verdade, ou, apenas, desinformação, ao mesmo tempo em que reforça sua tentativa de forma violenta, ou seja, afirmar-se conceito, ocupar o lugar da verdade através das dialéticas da linguagem que pressupõe uma “plataforma simbólica” permanente sobre a qual o conhecimento e a procura pela verdade se constituem.

Neste território da linguagem, através da teoria marxiana da filosofia da linguagem em Bakhtin (2006), podemos compreender a linguagem como reprodutora e produtora das assimetrias de um mundo regido pelo capital. A dialética das relações de exploração está expressa e é igualmente fruto da linguagem em sua construção. Esta era a procura bakhtiniana em sua obra de fundamentação dialética de uma filosofia da linguagem, ou seja, as bases de uma teoria marxiana da criação ideológica, passando pelo conhecimento científico, literário, religioso, por exemplo, já estavam estritamente ligadas aos problemas de filosofia da linguagem.

Em outros termos, um dado produto ideológico faz parte da realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo, segundo Bakhtin (2006). Deste modo, este produto reflete e refrata outra realidade, exterior, como o faz, podemos dizer, a metáfora constantemente, como a “informação” como pedra. Diz-nos Bakhtin (2006) que tudo é ideológico possui um dado sentido manifesto no signo. O corpo físico jamais teria valor em si, senão na construção do sentido dentro de uma ideologia. Esta movimentação do conjunto de ideias é uma marca fundamental da metáfora da “informação” viva como sombra do desenvolvimento da cibernética de primeira ordem aos dias atuais, centralmente como negação da verdade, ou, apenas e tão somente, como pedra e seus fragmentos (metadados, por exemplo) valorados, simbolizados, como mercadoria.

3 DA NEODOCUMENTAÇÃO À ARQUIDOCUMENTAÇÃO: SÍTIOS ITADOCUMENTÁRIOS DE UMA ECONOMIA POLÍTICA DA EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la
(Melo Neto, 1966, p. 207).

Uma das lições da releitura do movimento documentalista perante o desenvolvimento do conceito e da pluralidade metafórica do termo “informação” é retomada da materialidade, ou da pedra, a partir do conceito de documento. A compreensão do papel da Documentação na formação de uma epistemologia da Ciência da Informação, sob as lentes de uma economia política da epistemologia histórica do campo, nos permite retomar o papel da colonialidade, do positivismo e do estruturalismo na conformação do ideário de sentidos da “informação”. Este olhar ganha em profundidade dialética quando recorremos, junto de Bobutaka Bateko (2013) e Cimbalanga Mulamba (2014), à relação entre Documentação e extrativismo na geopolítica de construção da Ciência da Informação através do projeto belga de Paul Otlet e sua relação direta com a exploração bibliográfico-mineral no Vale do Rio Congo.

Reencontrar o documento como conceito e, mais ainda, como metáfora, no universo de tentativas de definição conceitual da “informação” ao longo da segunda metade do século XX, é, ao mesmo tempo, a possibilidade de perceber o papel que a materialidade e a perspectiva sintática que reúnem as formas de predição e de inferências matemático-estatísticas no campo informacional terão papel decisivo não apenas na ciência, mas em toda a dinâmica de exploração das relações sociais. Os estudos bibliométricos convertidos em ferramentas analíticas de controle e de medição das ações materialmente metadocumentadas em meio digital por empresas privadas no século XXI demonstram como a conversão da produção da linguagem registrada (palavras, imagens, símbolos) em um conjunto permanente de indicadores, ou, apenas, “mercadorias”, como em Adorno e Horkheimer (1985), permitem para as grandes empresas capacidade de monitorar e manipular comportamentos.

A materialidade do discurso e o seu papel estratégico para a reforma do capitalismo entre o neoliberalismo e o capitalismo de plataformas digitais demonstra como os instrumentos da Ciência da Informação servem à exploração de pequenas empresas do todo da maioria explorada da população. A retomada dos estudos documentalistas pela geração neodocumentalistas, como aqueles de Bernd Frohmann (2009) e Ronald Day (2014) têm, dentre outras ênfases, a capacidade de demonstrar os usos dos processos documentários

como dinâmicas de exploração e seus riscos no final do século XX e no início do século XXI a partir do questionamento da materialidade.

A abertura desenvolvida pela neodocumentação nos conduz ao olhar para além e para aquém da própria experiência neodocumentalista, compreendendo as dinâmicas tanto de fundamentação da exploração pela Documentação como ciência nascitura. Esta abertura leva-nos também à percepção de suas tentativas de um discurso de bem-estar social, que chegou até a criação da Liga das Nações e posteriormente da Organização das Nações Unidas (ONU), como também o seu legado para compreensão da realidade, centralmente o papel da materialidade fundada na condição estrutural dos processos de formação do conhecimento: a questão de exploração e de trabalho “informativos” vinculada às relações de produção e de consumo.

É preciso ir aquém da documentação e da neodocumentação é retomar o papel do registro do conhecimento, ou da informação como pedra. Este caminho nos permitira dantes a abordagem de Michael Buckland (1991), ao lançar, na retomada das leituras neodocumentalistas, a condição da “informação como coisa”. Em seu artigo apresentado no início dos anos 1990 quando da consolidação dos usos do termo “informação” já com suas centenas de sentidos na construção da Ciência da Informação, incluindo as próprias mudanças de nomenclatura em escolas, institutos, grupos de pesquisa, para aplicação do termo -, Buckland (1991) discute três significados de “informação”: a) “Informação como processo”; b) “informação como conhecimento”; e c) “informação como coisa”. Neste último caso, o uso atributivo de “informação” para denotar coisas consideradas informativas.

O recurso metodológico de Buckland (1991) para problematizar o horizonte semântico da “informação como coisa” é também mais próximo da metaforologia do que da conceitualidade. Explicava-nos ali o pesquisador que sua abordagem era “indireta” (como a abordagem das metáforas, e não os conceitos), partindo da pergunta “quais coisas são informativas?”. Buckland (1991) reúne variedades de materialidades de “informação como coisa”, como dados, texto, documentos, objetos e eventos, todas participes da metaforologia do conhecimento através das inscrições da linguagem em diferentes plataformas.

O papel do trabalho bucklandiano é estratégico para o desenvolvimento crítico-epistemológico da Ciência da Informação em contexto de essencialização do conceito de “informação” e seu potencial de afastamento da realidade material. Buckland (1991) recoloca a materialidade da “informação como coisa” não como fora da seara simbólica: sua condição

comunicativa e, logo, manipulável, justamente por conta de sua materialidade. Está ali re-evidenciado o modo como a documentação e todo o movimento documentalista do final do século XIX, conforme nos explica a epistemologia do Congo no campo informacional (Saldanha, 2024), centralmente via Cimbalanga Mulamba (2014), conjugou as metáforas da mineração como um só caminho: extração de minerais e extração de dados, produção de mercadorias com os minerais e com os metadados. Uma arquidocumentação, pois, se-nos-apresenta: permanente exercício científico de construção de sítios itadocumentários, de formas de identificação, coleta, limpeza, organização e ressimbolização de pedras, de dados, de fatos registrados, convertidos simbolicamente em mercadorias, materialmente fundados nas duas pontas (nascem matéria e em matéria mercantilizada se convertem).

4 EXTRATIVISMO ITADOCUMENTÁRIO: DOS METADADOS DO CONGO ÀS TERRAS RARAS DA UCRÂNIA NA ESTRUTURA METAFÓRICA DA INFORMAÇÃO PELA E COMO PEDRA

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática)
(Melo Neto, 1966, p. 207).

A cibernética nunca esteve afastada da relação com o extrativismo, centralmente o extrativismo mineral. O desenvolvimento da perspectiva de uma economia política da epistemologia histórica da Ciência da Informação através do arquétipo do Congo (Saldanha, 2024), demonstra como a relação entre a fundamentação da Ciência da Informação e os usos políticos das ferramentas científicas do próprio campo foram centrais para o desenvolvimento e a consolidação não apenas da colonialidade tardia, mas da própria colonialidade. Esta última, mantida através da relação entre “informação” (como pedra, logo, desinformação) até chegarmos ao capitalismo das plataformas privadas de circulação, saque e revenda de metadados.

A condição da relação entre o conceito de “informação” como pedra nos leva ao espectro de ideias do extrativismo como forma de dominação presente na obra de Ramón Grosfoguel (2016). A partir das suas ideias, problematizamos, na concepção dialética e de não-conceitualidade da metaforologia informacional que pressupõe “informação como pedra”, um extrativismo itadocumentário. Este extrativismo não separa “informação” e “pedra”, tendo como horizonte a denúncia epistêmica da condição material do que abordamos como “informação” da cibernética de primeira ordem ao universo das plataformas privadas digitais. Em outros termos, a mineração objetiva e concreta dos metadados dos solos numeratizados

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

da *web* ao plano do espírito saqueado (o sequestro nas relações simbólicas por empresas de plataformas de redes sociais em meio digital).

Grosfoguel (2016) nos alerta que, junto do extrativismo econômico estruturante do capitalismo, ou aquele dos recursos naturais, ou, simplesmente, de pedras, um conjunto outro de métodos e técnicas de exploração se impõe à subjetividade, para além do corpo. São exemplos, o extrativismo epistêmico e o ontológico. De um lado, a apropriação e a colonização dos saberes da alteridade, saqueados ou massacrados. De outro lado, no ontoplano, a extração das condições de existência, o ser como mercadoria, ou a retirada das expressões espirituais manifestas nas relações culturais de uma dada comunidade.

O extrativismo como metodologia de exploração do capitalismo compõe-se, pois, de uma complexa caixa de ferramentas que procura constituir formas de domínio das mais diferentes estruturas, incluindo os elementos epistemológicos e ontológicos da vida da comunidade dominada, para fins de transformação em mercadoria. A retirada de sentido aqui atinge os três significados de informação como negação da verdade. Seja no plano do platonismo, seja no plano da teoria crítica, seja no plano da teoria matemática, a “informação” no sentido do capitalismo na Modernidade tardia é fundamentalmente a conversão do que pode conter sentido, exemplo, a pedrinha miudinha de uma miçanga que explica o universo para uma dada comunidade espiritual, em um artefato de enfeite comercializado como pedra preciosa um *shopping center* em Londres.

O extrativismo complexo da abordagem grosfogueliana nos ajuda a compreender não só a formação da Ciência da Informação como *episteme* em busca de uma epistemologia através do complexo conceito de “informação” como negação do conhecimento, como redimensiona a compreensão dos riscos da “informação” como “verdade” no bojo do desenvolvimento conceitual do termo dentro do campo. Esta denúncia é feita, na raiz metaforológica da pedra, pela epistemologia da Ciência da Informação congoleza quando da construção da Documentação a partir do massacre belga no Vale do Rio Congo.

Como nos remonta o epistemólogo Cimbalinga Mulamba (2014) dentro da história da colonialidade e suas formas de violência extrativista na antiga colônia belga, a riqueza do subsolo de Katanga e Kasai, no Vale do Rio Congo, constituiu o chamado “escândalo geológico”: dali saíram recursos não apenas para refortalecimento da colonialidade na virada do século XIX para o XX, mas também para a própria indústria, da indústria bélica à indústria automotiva chegando a ela, a “indústria informacional”. Nesta última se encontra a

cibernética e sua relação itadocumentária seminal: sem produção intensa de cartografias bibliográficas para exploração do solo congelado não haveria nem bomba atômica nem o desenvolvimento da macro à microcomputação em meados do século XX. Trata-se um extrativismo igualmente agressivo, através da coleta, controle e aprisionamento através dos metadados em redes privadas digitais oriundos, tais metadados, da vivência do espírito, no sentido dialético de Adorno e Horkheimer (1985), de pessoas e suas comunidades (ou bolhas) escravizadas em uma nova fase de dominação, aquela do capitalismo de plataformas privadas digitais.

A metáfora da pedra burilada é convertida em símbolo monetário, da miudeza ao montante e o excedente financeiro (a riqueza, o lucro, a conversão do poder pela economia política e sua conformação bélica). O extrativismo itadocumentário aqui desenvolvido como complexidade metafórica, compreende, no plano material da metaforologia informacional, legatária da tradição da verossimilhança da produção de imagens de mundo do conhecimento e do conhecer a partir das formas materiais, a compreensão das pedras sobre pedras – ou metapedras - como recursos informacionais primários. Não há “informação” na história do capitalismo, centralmente aquela estruturada pelo e para o caos para geração de lucro, sem a exploração de subsolos para produção de armamentos bélicos, incluindo as armas informacionais, como *smartphones* e seus recursos; por sua vez, não há futuro do capitalismo, sem esta conversão permanente da metáfora extrativista na expressão da exploração dos subsolos do simbólico (ou, poderíamos aqui dizer, de modo adorno-horkheimeriano, do espírito): dores, prazeres, gostos, desejos, escolhas triviais do cotidiano, tudo matéria – pedrinhas – em formato de cliques, *emojis*, *posts*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA EDUCAÇÃO DA INFORMAÇÃO PELA E COMO PEDRA

No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e, se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascente, entranha a alma
(Melo Neto, 1966, p. 207).

A proposta deste estudo foi refletir dialeticamente o conceito de “informação” como e pela pedra. Para a metaforologia, a condição de vastidão semântica não é um princípio de caos a-científico. Ao contrário, é a abertura para dialéticas e para compreensão da diversidade contra a limitação autoritária do sentido do conceito, sua violência pela univocidade e pelo

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

distanciamento. De condição anti-verdade, o termo “informação” atravessou um processo histórico de reconstrução etimológica, ganhando no pós-Segunda Guerra Mundial um falso potencial de verdade ou de transporte de sentido. A configuração do capitalismo, do neoliberalismo ao modelo de plataformas privadas digitais, sob diferentes leituras, demonstra a condição da “informação” como sinônimo de desinformação.

As conclusões do exercício teórico desenvolvido apontam que não compreender a “informação como pedra” é a) re-essencializar o conceito de “informação”, afastando-o das dialéticas de sua materialidade; b) impor o plano do esquecimento de que “informação” em decurso conceitual primário como a ausência do sentido, logo, a banalidade da verdade, por consequência, seu princípio epistemicida; c) afirmar a falsa separação entre o verdadeiro e o falso do mundo material na esfera dos universos informacionais, uma das bases da pseudociência da neutralidade: a “informação”, quão mais impregnada como ranço de um animal morto em fase de putrefação no meio digital, mais próxima é da ultramaterialidade, potência máxima, porém aberta, em expansão, de entropia, de caos intencionalmente elaborado (como os métodos de governança informacional de Donald Trump nos Estados Unidos da América).

Por sua vez, no mesmo itinerário argumentativo-conclusivo, compreender a “informação como pedra”, é a) lembrar e reafirmar, no capitalismo, seu papel como unidade sintática, projetada para o lucro, independentemente das consequências morais, como exploração infantil e as práticas de desinformação política com intuito de golpes de Estado; b) reafirmar o lugar da cibernética no Antropoceno, da prensa gutembergiana, sem a qual não havia o processo histórico da Reforma Protestante e do *ethos* capitalista como regime global geopolítico, dependente de um regime de informação de circulação controlada, direcionada e financiada por corporações para conservação do poder e da reprodução do capital; c) compreender como, da cibernética de primeira ordem ao capitalismo de plataformas privadas digitais, um elemento comum sustenta a ética do capital: o subsolo, logo, no contexto do Antropoceno, é fonte de construção e de reprodução agressiva do regime de informação global; d) contestar as afirmações de uma revolução de sentido (semântica) e de comensurabilidade cultural (pragmática) do conceito “informação” como forma de dar sentido, ou seja, como verdade. No *ethos* capitalista, sua forma sintática é a condição de mercadoria do elemento *informe*, sem “ser”, sem verdade.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Do Vale do Rio Congo à luta pelas terras raras da Ucrânia ou do Brasil, por exemplo, chegando ao avanço da exploração de uma economia da atenção das estruturas do subsolo cognitivo, evidencia-se um extrativismo do *pathos* (das paixões, das emoções, das afecções) em meio digital de adultos e crianças com o aparelho “inteligente” nas mãos. Não será possível produzir os próximos *smartphones* nem expandir as máquinas de geração automática de textos, imagens e vídeos, sob o falso termo “inteligência artificial” (outra expressão na longa história da metaforologia do conhecer de fundo cibernético), sem a “informação como pedra” e a “educação da informação pela pedra”. Eis a metáfora da reminiscência dialética do modo como as estruturas informacionais são construídas, ou seja, como fruto da extração de pedrinhas do subsolo a) do planeta e b) dos “corações humanos” ou dos espíritos, estes que seguem clicando em telas de *smartphones* e produzindo registros materiais oriundos de seus afetos que se convertem em mercadoria.

In Memoriam

Para Sebastião Salgado, fotógrafo do extrativismo dos subsolos da natureza e do espírito, que faleceu no dia em que este texto foi concluído.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BLUMENBERG, Hans. **Teoria da não-conceitualidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOBUTAKA-BATEKO, Bob. Bibliographie politique, bibliologie politique et communication politique. **Revue de Bibliologie**: Schéma et Schématisation, Paris, n. 79, p. 55-70, 2013.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, [s. l.], v. 42, n. 5, p. 351-360, jun. 1991.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. The concept of information. **Annual Review of Information Science and Technology**, [s. l.], v. 37, p. 343-411, 2003.

CIMBALANGA MULAMBA, Joseph. La bibliographie géologique et minière du Congo belge de 1885 à 1960 : un instrument d’information et de communication pour les puissances coloniales européennes. **Revue de Bibliologie**: Schéma et Schématisation, Paris, n. 80, p. 155-170, 2014.

CURTIUS, Ernst. R. **Literatura européia e idade média latina**. São Paulo: Hucitec, 1996.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

DAY, Ronald. **Indexing it all**: the (subject) in the age of documentation, information, and data. Cambridge: MIT Press, 2014.

FROHMANN, Bernd. Revisiting “what is a document?” **Journal of documentation**, [s. l.], v. 65, n. 2, p. 291-303, 2009.

GROSGUÉL, Ramón. Del «extractivismo económico» al «extractivismo epistémico» y al «extractivismo ontológico»: una forma destructiva de conocer, ser y estar en el mundo. **Tabula Rasa**, Bogotá - Colômbia, n. 24, p. 123-143, ene./jun. 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO NETO, João Cabral. **A educação pela pedra**. São Paulo: Cia das Letras, 1966.

MENEZES, Vinícios Souza de. Balbúrdia, o tropel dos seres informes. **Logeion**: Filosofia da informação, v. 6, p. 209-233, 2019.

PLATÃO. **Fedro ou Da Beleza**. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

SALDANHA, Gustavo Silva. Congo: economia política da epistemologia histórica em Ciência da Informação no plano comparado e internacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2024, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ANCIB, 2024. p. 1-15.

SCHRADER, Alvin. **Toward a new theory of library and information science**. 1983. Thesis (Doctoral in Library and Information Science) - School of Library and Information Science, Indiana University, Indiana (EUA), 1983.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **A teoria matemática da comunicação**. São Paulo: DIFEL, 1975.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FINANCIAMENTO

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).